

TEATRO  
NACIONAL  
S. JOAO

KASTROKRIOLA





MOSTEIRO DE SÃO BENTO DA VITÓRIA  
ESTREIA 10-12 JUNHO 2021 QUI-SÁB 19:00

# KASTROKRIOLA

DE CAPLAN NEVES

A PARTIR DE *CASTRO*, DE ANTÓNIO FERREIRA



ENCENAÇÃO, CENOGRAFIA  
E FIGURINOS  
NUNO CARDOSO

MÚSICA  
CAPLAN NEVES

VÍDEO  
FERNANDO COSTA

DESENHO DE LUZ  
ALEXANDRE VIEIRA

PRODUÇÃO EXECUTIVA  
MARA COSTA (ESTAGIÁRIA)

INTERPRETAÇÃO  
BENITO LOPES *AMIGO DE KASTRO*

DEKA SAIMOR *KASTRO*

EMERSON DIAS *COELHO*

HUGO PAZ *PACHECO*

LISA REIS *PETRA*

MILANKA VERA-CRUZ *PRESIDENTE DO PARTIDO*

MILTON FONSECA *GESTOR DE CAMPANHA*

COPRODUÇÃO  
MINISTÉRIO DA CULTURA  
E DAS INDÚSTRIAS CRIATIVAS  
DE CABO VERDE, TEATRO NACIONAL  
SÃO JOÃO

DUR. APROX.

1:20

M/12 ANOS

ESPECTÁCULO EM CRIOLLO CABO-VERDIANO,  
LEGENDADO EM PORTUGUÊS.

# Pequenas utopias

*KastroKriola*. Pequenas utopias. Aprender a *comer pedras* com as cabras. Ovídio Martins. Subir a um palco do Teatro Nacional São João. Conseguimo-lo em plena pandemia. A vontade consequente ou o querer que cooperar seja na realidade muito mais do que um mero desejo de colocar um ponto no mapa para o teatro. A língua como comunidade de povos. Palavra e suor em palco. Construir novas linhas onde habitamos com poesia os espaços de memória histórica que nos unem. *Nem homens nus nem mulheres nuas espreitando inocentes e medrosos detrás da vegetação: o Prelúdio* de Jorge Barbosa. Nascemos uns dos outros. Inventamos-nos valentes e audazes. Alinhar as vontades, cooperar, concretizar as ilhas. *KastroKriola*, de Caplan Neves, a partir de *Castro*, de António Ferreira. Cabo Verde, 99% de mar, textos e sonhos. Pouca terra. Terra de sonhos. A tenacidade de Pedro Sobrado e de Nuno Cardoso reconstruindo milhas de (re)descoberta mútua. Porto em Camões, Praia como bandeira da independência das ilhas. Pequenas utopias. Os nossos meninos das ilhas num palco do Teatro Nacional São João. Da ilha para o mundo. Minha vénia a este pequeno passo, tão grande para a esperança dos tempos que, sonhamos, venham com a nova normalidade. Em nome da nação cabo-verdiana, a minha gratidão.

**Abraão Vicente**

*Ministro da Cultura e das Indústrias Criativas de Cabo Verde*



## Sombra

**NUNO CARDOSO**

Em março fui ao Mindelo para ultimar em Cabo Verde o elenco e a dramaturgia da *KastroKriola*, antes do projeto viajar para o Porto e assentar arraiais no claustro do Mosteiro de São Bento da Vitória. Durante as manhãs dessa estadia, ficava no quarto de hotel, agarrado ao computador, marcando presença nas inúmeras reuniões *online* que este tempo de sofrimento nos habituou a ter.

Numa dessas manhãs, pelo rabo do olho, pareceu-me apanhar uma sombra debruçada sobre mim. Era tal qual a figura do meu pai, quando me ajudava a fazer os deveres da escola. Era o meu reflexo no espelho do quarto. Com o passar dos anos, sorratamente, o meu corpo decalcou de memória o corpo do meu pai.

Conto esta história a propósito da *KastroKriola* por uma razão simples. Este projeto é extremamente complexo, implica o esforço de dois países e de dois ministérios do universo dos países de língua oficial portuguesa, a resiliência dos seus participantes, emboscados que foram pela pandemia, e assume a polimorfia da língua como ponto de partida para a colaboração artística transnacional.

Para mim, no entanto, este projeto é algo de inteiramente diferente. Algo de profundamente especial e pessoal.

Neste tipo de esforços corremos sempre o risco de ter mais olhos do que barriga, ou então, de que as nossas melhores intenções

redundem num paternalismo do tipo “partilha do nosso conhecimento e coisa e tal...”

Ora, nada pode estar tão longe da verdade, não porque a partilha não aconteça, não porque as melhores intenções não tenham sido o garante da sua concretização, porque o foram, mas porque o que ganhámos e o que eu ganhei nesta partilha foi infinitamente precioso.

Na criatividade do elenco, do Caplan e da equipa, nas ruas do Mindelo e da Praia, vi refletida, pelo rabo do olho, a sombra do que muitas vezes esqueço.

Lembrei-me de que teatro e vida são a mesma palavra e conjugam-se no verbo dar. Lembrei-me do sortilégio que me atropelou no primeiro dia em que entrei no CITAC (Círculo de Iniciação Teatral da Academia de Coimbra).

Lembrei-me dos deveres da escola, batalhas campais em que o meu pai repetia pacientemente: as letras, as canetas, os números, o papel não estão aqui para te irritar, estão quietos à tua espera para brincarem como bem entenderes.

*KastroKriola* atravessa-me, atravessa *O Balcão*, atravessa *Espectros*, atravessa-me daqui para a frente.

E não há nada que eu possa dar que pague a dádiva que recebi.



# Ora d’kriol



A conversa com a equipa cabo-verdiana da *KastroKriola* publicada neste programa dirá mais – e mais eloquentemente – do que eu seria capaz. A dada altura, a *nossa* produtora executiva conta que em Cabo Verde há a “hora inglesa” e a “ora d’kriol”, essa hora indeterminável que chega... muito depois da hora. Na falta de pontualidade, falamos por cá a mesma *língua*. Lembrou-me frequentemente de que o dramaturgo brasileiro Nelson Rodrigues dizia “ainda conservar o deleite dos bondes que não chegam nunca”...

*KastroKriola* chegou finalmente, muito depois da hora. O tempo desconcertou-se com a pandemia, obrigando-nos a postergar as residências artísticas e a produção do espetáculo, cuja estreia deveria ter ocorrido no Dia Mundial do Teatro de 2020, no contexto das comemorações do Centenário do Teatro São João, e vinculada à produção da *Castro* lusa, estreada a 7 de março, em Aveiro. Reagendámos o projeto uma e outra vez, e chegámos a temer o seu irremediável cancelamento. *KastroKriola* fez-se, afinal. Em março deste ano, Nuno Cardoso realizou uma residência artística em Cabo Verde e a equipa cabo-verdiana instalou-se, por fim, no Porto, no início de maio. Estreia no Dia de Portugal e culmina uma carreira de apresentações na Praia, no Dia da Independência Nacional de Cabo Verde, a 5 de julho.

Podemos dizer que o projeto acontece em “ora d’kriol” por outra razão. Na verdade, esta experiência foi intencionada há muito. Quando, em dezembro de 2018, começámos a discutir com Abraão Vicente a possibilidade de um programa de cooperação entre o São João e o Ministério da Cultura e das Indústrias Criativas de Cabo Verde – programa que viria a ser formalizado num acordo assinado em setembro de 2019 –, a nossa ambição excedia a mera exportação de espetáculos, o toma-lá-dá-cá de que a vida, mesmo na cultura, é feita. Pensávamos em ações de formação, na aventura linguística e em projetos artísticos partilhados e pensados de raiz. Nuno Cardoso chegou à “hora inglesa” para extrair consequências da conversa em curso – e não podíamos estar-lhe mais gratos por isso.

Mais de quatro séculos depois, a *Castro* de António Ferreira acontece em “ora d’kriol”. O seu tempo é agora o do crioulo de Caplan Neves e de Cabo Verde, um crioulo que é uma língua popular e do dia a dia, mas que se mostra também capaz de requiebrados eruditos. Uma língua com variantes variegadas, que resiste à fixação e não hesita em tomar de empréstimo à língua portuguesa o que lhe serve para aumentar a sua muito musical tessitura. Podemos não perceber tudo, mas quem percebe tudo da “tragédia mui sentida e elegante” de António Ferreira?

Um agradecimento especial é devido ao Ministro Abraão Vicente, Ministro da Cultura e das Indústrias Criativas de Cabo Verde, cujo desassombro e acerto estratégico se revelaram determinantes. Outro ainda ao seu representante, Irlando Ferreira – Diretor do mindelense Centro Nacional de Arte, Artesanato e Design –, o melhor interlocutor que poderíamos desejar.

Bem-vindos.

**Pedro Sobrado**

*Presidente do Conselho de Administração do TNSJ*



# Retrato do artista cabo-verdiano quando jovem

Na reta final de uma residência artística no São João, chamámos à boca de cena o dramaturgo, o elenco e a produtora executiva de *KastroKriola* para partilharem a sua história, em três conversas a nove vozes.

Por **JOÃO DUARTE OLIVEIRA**.

**CAPLAN NEVES** Nasci em Cabo Verde, na Ilha de Santo Antão, no concelho de Porto Novo, tenho 36 anos. Escrevo desde muito cedo. O meu pai estava internado algures, nos anos 90, e escreveu um pequeno poema para um concurso de rádio, eu apanhei o embalo e escrevi também o meu poeminha. Tinha 9 anos, meti-o no envelope e o júri decidiu dar-me um prémio, não pela qualidade do poema, mas por ter sido o mais jovem concorrente. Alimentei este idílio de ser escritor e desde então escrevo regularmente. Em 2008, terminei a minha licenciatura em psicologia e fiz um curso muito famoso em São Vicente, o Curso de Iniciação Teatral, em parte responsável pela grande cultura teatral que surgiu em Mindelo no final dos anos 90.

**MILTON FONSECA** Tenho 22 anos e nasci na cidade da Praia, na ilha de Santiago. O meu primeiro contacto com o teatro foi no ensino secundário. Fiz um *casting* quando tinha 12 anos e entrei num espetáculo chamado *Um Simpático Sonho*.

**LISA REIS** Tenho 21 anos e nasci em São Vicente. Comecei no teatro com 13 anos. Cruzaram-se comigo na rua e, muito aleatoriamente, ofereceram-me um bilhete para um espetáculo. Fui ver e fiquei fascinada. A Deka e o Milton entravam nele. Era uma comédia, a reação do público e a energia que criaram em palco foi incrível. Fui falar com o encenador e disse-lhe que gostava de fazer teatro. Ele convidou-me a assistir a uma reunião.

**BENITO LOPES** Tenho 29 anos e nasci em São Vicente. O meu primeiro contacto foi na Escola Salesiana, com o professor Herlandson [Duarte]. Na Escola Jorge Barbosa fiz depois um *casting* para o grupo de teatro e entrei.

**DEKA SAIMOR** Tenho 22 anos e nasci em São Vicente. Quando tinha 14, vi um espetáculo no computador do meu irmão. Gostei tanto da naturalidade do espetáculo, uma comédia, que comecei a decorar as falas, à minha maneira, enquanto varria o chão ou lavava a loiça. E sempre gostei muito de ler. Em São Vicente havia o hábito do teatro, mas eu não sabia como lá chegar. Mas descobri o João Branco [encenador e presidente da Associação Mindelact], mandei-lhe uma mensagem a dizer que gostava de fazer teatro e de pertencer a um grupo. Depois fui a um *casting* para um espetáculo com adolescentes e passei.

**EMERSON HENRIQUES** Tenho 31 anos e sou da ilha de Santo Antão. Comecei por fazer danças urbanas, *breakdance*, e depois teatro, quando fui para o Mindelo.

**MILANKA VERA-CRUZ** Vou fazer 44 anos no dia 11 de junho. Sou de São Vicente, mas a minha família é uma mistura do Sal, de Santo

Antão, de Santiago. Venho de uma família de artistas, quase todos músicos. São Vicente tem uma tradição teatral muito profunda, mas houve uma altura em que estava um bocadinho em decadência. O João Branco chegou a São Vicente muito novo, cheio de sonhos, e conseguiu, com o Centro Cultural Português, montar o curso de teatro e eu fiz esse curso. Sou advogada estagiária. Por acaso, neste momento, os estagiários em Cabo Verde estão em greve.

**HUGO PAZ** Sou da ilha de São Vicente e tenho 23 anos. Antes de fazer teatro, pertenci ao coro da minha escola. Depois abandonei o coro, fiz uma formação em teatro e tive aulas de violino aos 18 anos. A minha primeira experiência foi uma peça chamada *Entrevista*. Fomos para a rua entrevistar pessoas e desse material construimos o nosso espetáculo.

**MARA COSTA** Sou cabo-verdiana da ilha de São Vicente, mindelense, uma *sampadjuda*. Vim para Portugal estudar Ciência Política, fiquei alguns anos a empatar o curso porque já tinha percebido que não era o que queria, mas a minha mãe insistia comigo para o terminar. Fui para Cabo Verde de férias, recuperei aquele sentimento de pertença e já não voltei mais. Só vim buscar o diploma. Comecei a fazer coisas, a tentar perceber de que é que gostava. Entretanto, a [atriz] Flávia Gusmão abriu um curso no Centro Cultural do Mindelo e assim fui parar ao teatro. Mas sempre que estávamos a trabalhar em alguma peça, via-me mais preocupada em tratar de coisas para toda a gente ou a pensar em figurinos, do que propriamente com o meu texto e a minha personagem. Acho que sou uma péssima atriz. Só fiz de aluna rebelde numa peça na sala de aula. A minha mãe sempre quis ser artista. Sempre disse que se tivesse nascido no Brasil, seria artista. E esteve sempre à espera de nascer no Brasil para ser artista. Mas o cabo-verdiano é artista por natureza. Vive numa ilha com sol e sem chuva. Aqui sabes que podes andar e ir parar a Espanha. Em São Vicente, só andas 20 quilómetros para um lado ou para o outro. Então tens de sonhar.

## “As personagens más dão mais frio na barriga”

**BENITO** Quando descobri o projeto de *KastroKriola*, gostei muito da forma como o Nuno [Cardoso] o abordou e pensei logo que gostaria imenso de trabalhar com ele.

**MARA** Quando surgiu este projeto de coprodução entre o Teatro Nacional São João e o nosso Ministério da Cultura, fui ao *casting*, no Festival Mindelact, e o Nuno estava lá. Sabia que não passaria como atriz, mas pelo menos divertia-me. Mas sempre que me pediam para fazer alguma coisa, eu fazia. Dias depois ligaram-me, fui a uma reunião e selecionaram-me para a produção e a direção de cena.

**LISA** Uma das primeiras coisas que nos passam pela cabeça quando começamos um projeto novo é perguntar-nos que personagem nos caberá. Li o texto, comecei a imaginar várias possibilidades e não foi logo que pensei que uma das personagens masculinas poderia ser feita por uma mulher, ou o contrário. Não estava à espera de ficar com a personagem que me coube, o Pedro. Dentro do universo que o Caplan criou faz todo o sentido.

**HUGO** A minha personagem é um homem um pouco mau.

**MILANKA** As personagens do Emerson e do Hugo conseguem ser mazinhas, piores do que as da *Castro* original.

**HUGO** São mais cruéis. É disso mesmo que gosto. As personagens más dão mais trabalho e mais frio na barriga. Saio um pouco da zona de conforto. Há dias em que sinto que não estou a conseguir fazer bem, mas mesmo assim dá-me muito prazer. Gostei da cena que ensaiamos hoje, em que matamos a Kastro. Muito violenta.

**MILANKA** O núcleo que eu, o Emerson e o Hugo formamos tem uma carga de cinismo muito forte. Agimos sob o espectro do cinismo, da crueldade e da frieza. Este núcleo é a parte negra e feia da história. O jogo da política, os interesses. Os fins justificam os meios, como dizia Maquiavel. Não medimos esforços para nos cristalizarmos no poder.

**EMERSON** Como se diz no texto, o poder é uma prisão, mas é uma prisão de que não se quer sair. A peça traz isso a olho nu.

**BENITO** Toda a gente gosta de fazer de mau, mas eu gosto de fazer o amigo da Kastro, porque é o oposto de todos os outros, compreende o que ela sente.

**DEKA** Acho a personagem da Kastro importante, fazem falta mais personagens assim. Ela só quer uma vida normal.

**LISA** O que define estas personagens é o conflito. Estão sempre em conflito com outros, mas também em conflito interno.

### “Conservar a fábula e fazer uma adaptação à realidade local”

**CAPLAN** Já conhecia o texto da *Castro*, mas nunca o tinha lido com cuidado. O mito de Pedro e Inês faz parte da cultura de Cabo Verde, é uma história que se ouve desde pequenino. Há as adaptações em cinema e em série e vê-se muita televisão portuguesa em Cabo Verde. O ponto de partida do projeto era fazer uma adaptação crioula e desde o primeiro contacto o Nuno explicou exatamente isso. Tratava-se de conservar a fábula e fazer uma adaptação à realidade cabo-verdiana. Na *KastroKriola*, há muito de local (a forma de falar, as expressões idiomáticas), mas ao mesmo tempo há este apelo universal decorrente da temática da peça e de questões que são pertinentes no momento atual. Sentem-se em Cabo Verde e um pouco por todo o lado. Pensei no que poderia constituir o mote para a ilegitimidade da união entre o infante e a Castro, transposta para o contexto contemporâneo e para a realidade local. A questão da união em pecado não se coloca, porque nós não nos casamos muito em Cabo Verde, simplesmente tomamos a decisão de viver juntos. A questão do

adultério continua sensível, mas é cada vez mais relegada ao âmbito privado. Não tem um peso público. Pensamos então na questão das relações homoafetivas, que infelizmente ainda carregam um peso enorme na esfera pública.

**LISA** O Pedro ser aqui Petra levanta questões importantes. É um assunto político, porque a própria sexualidade é muito política, dentro de certos espaços. Abrimos assim esta porta que as pessoas tendem a fechar e começamos a ter esta conversa. Política, sexualidade e poder. Jogos de poder e de controlo. Não ponho o amor como um dos pontos principais desta peça.

**DEKA** Intolerância, também. A Petra quer uma coisa, mas não tolera outra. A Presidente não tolera a Kastro. Kastro quer a Petra, mas não tolera a vida política. Não há acordo. A vida privada não tem de se intrometer no trabalho de uma pessoa. Porque é que o facto de a Petra gostar de uma menina vai atrapalhar?

**MILTON** Em Cabo Verde, se o que se passa na peça acontecesse, seria um choque. Cada sociedade tem a sua história, a sua cultura, mas Cabo Verde não está preparado para confrontar isso. Uma parte da população não iria achar de bom-tom. Uma mulher, e ainda por cima uma mulher homossexual. É um país que ainda não conseguiu legalizar o casamento entre pessoas do mesmo sexo.

**CAPLAN** Uma coisa interessante é que São Vicente é talvez um dos lugares mais amigáveis de Cabo Verde e do mundo para se ser lésbica, *gay* ou transgénero, porque temos uma cultura muito cosmopolita. São Vicente tem uma história diferente das outras ilhas: foi a última a ser povoada e isso deu-se muito em torno do porto. Desde sempre, São Vicente conheceu pessoas de todo o mundo a conviver no mesmo espaço, o que alimentou a tolerância. Mas à medida que nos afastamos do centro de Mindelo, é mais difícil assumir uma identidade não convencional aos olhos da sociedade.

### “Cantamos muito quando falamos”

**BENITO** A experiência está a ser incrível. Nunca imaginei estar no Porto a fazer teatro. Acho que a peça vai ter uma energia muito forte no claustro do Mosteiro [de São Bento da Vitória]. Nunca fiz nada assim.

**MILTON** É um privilégio enorme estar a representar no claustro, pela história e pela energia que o lugar tem. É um sentimento de gratidão e felicidade. E também um pouco de medo.

**MILANKA** Não é a ideia tradicional de um palco. Vai repercutir todo o peso da tragédia, a sumptuosidade do poder. Entrar no claustro é como uma princesa entrar num castelo.

**CAPLAN** Tem uma energia dramática mais da ordem dos sentidos.

**DEKA** A sala é muito linda. Vai ser bom morrer lá.

**LISA** É um sítio maravilhoso para chorar a morte de alguém.

**MILTON** O teatro não tem regras específicas, é um leque enorme

de possibilidades. Viajar e fazer teatro num outro sítio é a realização de um objetivo. Identifico-me com o Porto e trabalhar com o Nuno está a ser incrível. É interessante quando constatamos que cada encenador tem a sua particularidade, o que só nos enriquece como atores.

**MILANKA** E o Pedro [Guimarães] é ligeiro, muito expedito, sempre preparado para tudo, fantástico.

**LISA** Não estamos habituados a trabalhar com equipas tão grandes e estruturadas. Estamos habituados a ser um bocadinho de tudo. Mas assinamos sempre só como atores, o que acho maravilhoso. De repente, chegamos e és atriz, ponto.

**DEKA** Uma coisa é quando és atriz, mas fazes tudo, participas na produção. Outra coisa é quando és só atriz, com um espetáculo destes e um texto muito conhecido em Portugal, dá medo. Ainda mais porque sou a Kastro. E não tinha o hábito de ensaiar oito horas por dia, só estava habituada a ensaiar no horário pós-laboral. Chego a casa e não consigo dormir, a pensar na personagem, no texto.

**MILANKA** Estamos inseridos numa estrutura que é impensável em Cabo Verde. Somos amadores, fazemos teatro porque queremos e gostamos. Só o facto de estarmos aqui demonstra que há políticas, que se percebeu que tem de se dar atenção ao teatro. Há talento, mas não existem muitas condições para se explorar esse potencial. Sou pupila de um grande encenador cabo-verdiano, o Herlandson Duarte. Tínhamos a nossa companhia de teatro, a Companhia de Teatro Solaris. Mas como acontece em Cabo Verde a todos os grupos de teatro ou de música, devido à emigração não se consegue dar seguimento aos projetos. E nós já estávamos nesta luta para vir cá desde 2019.

**MARA** Sobre essa questão do atraso no projeto, em Cabo Verde temos uma expressão para isso: tens a hora inglesa, que é em ponto, e a *ora d'kriol*, que é muito depois da hora.

**EMERSON** Gosto muito do teatro que fazemos em Cabo Verde, já trabalhei com encenadores estrangeiros e com o João [Branco], que foi quem me iniciou e ajudou em praticamente tudo. Aqui no Porto, sinto-me em casa. E com o Nuno, achei incrível como ele já tinha o espetáculo na cabeça. Vi os seus espetáculos e o trabalho com os atores, percebi como é rigoroso com o pormenor. É o que mais me chama à atenção, os detalhes na interpretação. Gostei muito da conversa que tivemos com os atores da *Castro*, o Afonso [Santos] e o João [Melo]. Falámos sobre o texto original, que é difícil, e mesmo assim eles conseguiram torná-lo real.

**MILTON** Falei com o João [Melo], que interpretou a minha personagem, perguntei-lhe como fez para que a conversa fosse natural. Disse-me para não me focar muito no texto, antes focar-me em falar, em seguir o impulso, e tentar perceber o que a personagem quer dizer. Foi muito importante no processo de construir a minha personagem.

**LISA** Achei interessante descobrir como é que ambos os elencos percebem os espetáculos, porque cada elenco valoriza o que cada

um tem, cultural e artisticamente. A grande diferença é mesmo a sonoridade, o ritmo. O nosso é bem mais *dançado*, porque está-nos no sangue. O crioulo é muito musical. Cantamos muito quando falamos. A *KastroKriola* tem um jogo de contracena que faz vibrar esta musicalidade de forma diferente.

### “O texto do Caplan tem algo de shakespeariano”

**DEKA** O crioulo do Caplan é muito poético e o texto muito visual. Quando o dizes, consegues criar uma imagem. Não é só dizer por dizer.

**EMERSON** Sinto que o texto do Caplan tem algo de shakespeariano.

**MILANKA** Quando escrevemos para teatro em Cabo Verde, fazemos poesia e dramaturgia, não escrevemos como se estivéssemos na rua. Já fizemos muitas adaptações de Shakespeare e uma tradução para crioulo, mas sempre respeitando a métrica e a poesia. Às vezes, o crioulo não chega, temos de ir buscar construções ao português.

**CAPLAN** A questão da música na peça alinha-se com a musicalidade do crioulo, é omnipresente. Há muita influência do violão erudito da nossa morna e do flamenco. Uma variação do *tremolo* do flamenco, adaptado a um ritmo mais crioulo, próximo da nossa coladeira, uma espécie de morna com andamento mais rápido. É um tema que já tinha composto, mas nunca usado antes. Como a peça ainda é longa, tira-se partido dos motivos próprios desta composição e depois vou improvisando durante o espetáculo. Há dois temas. Um é uma transcrição de um compositor muito famoso em Cabo Verde, Vasco Martins. O outro é uma canção tradicional, geralmente tocada em enterros, chamada “Djosa ken mandob morrê”.

**MILANKA** Falamos crioulo quase sempre, exceto nas aulas. De resto, no tribunal, na repartição, na Assembleia, falamos o crioulo do dia a dia. O crioulo da peça, em certos momentos, tem também uma linguagem que podemos considerar erudita. Agora que se está a fazer um esforço para o oficializar, há uma polémica sem fim, porque temos nove variantes de crioulo. Entendemo-nos uns aos outros, em princípio, porque a base é a mesma. O crioulo do Caplan respeita o ALUPEC [Alfabeto Unificado para a Escrita do Cabo-Verdiano], um alfabeto com muita tendência para o crioulo de Santiago. Para mim, por vezes é difícil de ler, porque venho de uma corrente diferente, a dos “claridosos”, uma corrente literária do princípio do século XX, a dos primeiros que escreveram crioulo na poesia e no romance e que criaram a sua ortografia. Pertence à corrente do Onésimo Silveira, que morreu há pouco tempo, do Moacyr Rodrigues, do Baltasar Lopes da Silva, do Manuel Lopes.

**BENITO** Costumo dizer que falo crioulo de Mandinga, que penso ser nativo da ilha de São Vicente. O Caplan tem um crioulo mais suave, o que dá uma beleza diferente à peça. Tive até dificuldade em trabalhar o texto, porque há palavras que nunca diria e que nunca ouvi em crioulo, como “xfundsá”. Nunca a tinha ouvido e adorei. Nem é uma fala minha, mas fixei-a. Significa misturar, né?



## Sobre o processo de adaptação

CAPLAN NEVES

Em *KastroKriola*, abraçamos a aventura de recriar *Castro* à luz da atualidade cabo-verdiana, num mundo que retoma os laços com o radical conservadorismo dos costumes.

Mais do que partir da universalidade temática do texto de Ferreira (amor *versus* morte, liberdade *versus* autoridade) e imprimir nele elementos que a reformulem em termos contemporâneos e alinhados com a realidade sociogeográfica, nossa proposta de *crioulização* cénica procura desvendar como um texto do classicismo português se conecta, com acurada precisão simbólica, a aspetos de um Cabo Verde de hoje.

A analogia mais próxima das disputas de trono e intrigas de corte, onde se situa o drama inesiano, é o âmbito da estrutura e organização interna dos partidos políticos. Os partidos não são reinos, nem seus dirigentes monarcas. Mas, como os reinos, seus processos de gestão interna não são propriamente democráticos, antes frequentemente marcados por lideranças consolidadas e tradicionais e pela reeleição incondicional de dirigentes. Os partidos políticos não enfrentam, tal como o reinado de D. Afonso, a ameaça de ocupação estrangeira nem se lhes aplica, estritamente, o conceito de disputa ilegítima pelo trono.

Contudo, num contexto de bipartidarismo político e de virtual indistinção entre governos e partidos, a perda das eleições implica, para o partido derrotado, o peso simbólico de uma ocupação. Por fim, as lideranças partidárias, tal como os reis, podem apelar a “razões de estado” para legitimar decisões que dispõem sobre a esfera da liberdade privada.

É nesta paisagem de aridez política que se desenvolve um drama inesiano em torno da violação de “valores maiores” e o imperativo da morte de Kastro para restabelecer a ordem abalada. Mas nesta releitura, o adultério e a conjugalidade em estado de pecado mortal cedem lugar a uma relação homoafetiva, como mote da ilegitimidade da união. O infante Pedro converte-se em Petra – mulher, política promissora, provável próxima primeira-ministra do país –, que se envolve num escândalo sexual de proporções catastróficas para sua carreira política e para seu partido, ao assumir publicamente um romance com Kastro. O subversivo liame entre as mulheres enfrentará a fúria diligente de interesses políticos e a sentença ambivalente de “D. Afonso” – aqui também ele convertido em mulher, mas uma mulher que teve de abandonar todo o resquício de feminilidade para se sentar num trono ajustado à imagem de falos.

### FICHA TÉCNICA TNSJ

PRODUÇÃO EXECUTIVA MÓNICA ROCHA | DIREÇÃO DE PALCO EMANUEL PINA | ADJUNTO DO DIRETOR DE PALCO FILIPE SILVA | DIREÇÃO DE CENA PEDRO GUIMARÃES | CENOGRAFIA TERESA GRÁCIO (COORDENAÇÃO) | LUZ FILIPE PINHEIRO (COORDENAÇÃO), ADÃO GONÇALVES, ALEXANDRE VIEIRA, JOSÉ RODRIGUES, NUNO GONÇALVES | MAQUINARIA FILIPE SILVA (COORDENAÇÃO), ANTÓNIO QUARESMA, CARLOS BARBOSA, JORGE SILVA, JOEL SANTOS, LÍDIO PONTES, NUNO GUEDES, PAULO FERREIRA | SOM ANTÓNIO BICA | GUARDA-ROUPA E ADEDECOS ELISABETE LEÃO (COORDENAÇÃO) | MESTRA-COSTUREIRA NAZARÉ FERNANDES | COSTUREIRA VIRGÍNIA PEREIRA | ADEDECISTA DE GUARDA-ROUPA ISABEL PEREIRA | ADEDECISTAS DORA PEREIRA, GUILHERME MONTEIRO | VIDEO FERNANDO COSTA | OPERAÇÃO DE LEGENDAGEM JOSÉ ANTÓNIO CUNHA/HEIN?! SUBTTILES & SYNC.

### EDIÇÃO

DEPARTAMENTO DE EDIÇÕES DO TNSJ  
COORDENAÇÃO JOÃO DUARTE OLIVEIRA  
FOTOGRAFIA JOÃO TUNA  
DESIGN GRÁFICO SAL STUDIO  
IMPRESSÃO EMPRESA DIÁRIO DO PORTO, LDA.

### APOIOS TNSJ

Castanheira x pedras&pêssegos

### APOIOS À DIVULGAÇÃO

tronic m n STCP COMBOIOS DE PORTUGAL

### AGRADECIMENTOS TNSJ

CÂMARA MUNICIPAL DO PORTO, POLÍCIA DE SEGURANÇA PÚBLICA, MR. PIANO, PIANOS RUI MACEDO, CABELEIREIRO CONCEIÇÃO PINTO

Não é permitido filmar, gravar ou fotografar durante o espetáculo. O uso de telemóveis e outros dispositivos eletrónicos é incómodo, tanto para os intérpretes como para os espectadores.